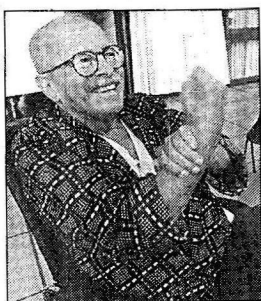


"Aos 50, achava que ia me suicidar aos 60, porque ficaria impotente; aos 60, que seria aos 70. Estou adiando pros 80"

"Sou vaidoso. A modéstia é uma atitude medíocre"



A UNB FOI A IDÉIA QUE VIROU COISA

Ana Beatriz Magno
da equipe do Correio

Era para ser uma entrevista sobre a história da Universidade de Brasília (UnB). Foi uma animada conversa sobre a vida.

Darcy Ribeiro, senador que preferiu ser chamado de professor, estava impossível naquela manhã de três de março de 1995. Nem parecia que já brigava contra o câncer e estava internado num apartamento do hospital Sarah Kubitschek. Falava como menino tagarela daquela que dizia ser sua melhor aventura: a UnB.

"Não tive filhos, a UnB foi minha única filha. Minha melhor invenção. Foi a idéia que virou coisa", contou entre uma risada e outra, ao lado de dois vasos de orquídeas lilás. Eram suas flores prediletas. "São as mais sensuais", disse.

Darcy não tinha cara nem espírito de doente. Na véspera da entrevista, driblou os mandamentos médicos e organizou uma festa na enfermaria do hospital. Distribuiu champagne para pacientes e enfermeiras. "A diversão é a melhor medicina", ensinou com a voz alta, quase sem cabelo. "O câncer me deixou feio mas voltarei a ficar lindo. Ainda arranjo muitas namoradas como no tempo da UnB".

A Universidade de Brasília morava na cabeça de Darcy muito antes da capital existir. "Sempre quis fazer uma universidade". O antropólogo fez e até deu golpe no presidente Juscelino Kubitschek para realizar a obra. "Foi a maior e melhor golpe de toda a minha vida".

Era final de 1960 e Juscelino relutava em mandar para o Congresso Nacional o projeto de lei para a criação da Universidade. Darcy estava agoniado com aquela demora, desde 1958 se reunia com intelectuais no Rio de Janeiro para planejar.

Mas Juscelino e gente próxima a ele achavam que nova capital não era lugar nem para fábricas nem para estudantes. Diziam que seriam focos de confusão e rebeldia", contou Darcy, sempre bebendo muita água e ao lado de Irene, a última e linda namorada.

O impasse com JK foi resolvido na marra. Juscelino comunicou a Darcy que iria entregar a Universidade para ser administrada pelos padres jesuítas. Irratidíssimo com aquilo, o antropólogo resolveu executar seu plano golpista. "Fui procurar os cães de Deus, os padres dominicanos. Conteí a eles sobre a intenção do presidente em dar a UnB para os jesuítas, seus tradicionais rivais",

lembrou Darcy, fisionomia alegre, antecipando a peripécia que contaria em seguida.

Com a conversa, Darcy atçou a ira dos dominicanos. Ao final do diálogo propôs: "Meu projeto de Universidade é o único desde a revolução francesa que prevê uma faculdade de teologia dentro do campus. Se vocês me apoiarem a faculdade é de vocês".

Os "cães de Deus" apoiaram. Mesmo. "O dominicano mais famoso do país, Frei Mateus Rocha, levou uma carta minha ao Papa João XXIII. Nela, eu dizia que as universidades brasileiras já tinham formado milhares de farmacêuticos e nenhum teólogo. É verdade; eu escrevi isso. E mais: disse que com a UnB nas minhas mãos, isso poderia mudar".

João XXIII aprovou a idéia. Frei Mateus foi levar a notícia a Darcy. Ansioso, o antropólogo perguntou: "E o documento assinado pelo papa para eu levar ao presidente?". O frei respondeu: "Papa não assina documento. Mas fica tranquilo que a essa hora toda a Igreja já sabe. A Universidade é nossa", festejou o Frei.

Darcy contou a história a JK que acabou se rendendo. Inaugurada em 16 de dezembro de 1961 pelo já presidente João Goulart, a UnB foi construída com a cara de Darcy. "O campus Era só entusiasmo. Era uma utopia que existiu enquanto estávamos por lá. Depois, veio o golpe e espalhou tristeza. Nunca mais nenhuma universidade foi igual àquela", lembrou Darcy, orgulhoso da equipe que levou para o campus.

"Era uma turma de craques". Darcy selecionou os melhores cientistas, artistas e humanistas do país para darem aula. Todos foram. "Tinha Afrânio Coutinho, Gilberto Freyre, Luiz Laboriau, Florestan Fernandes e muitos outros".

Todos remediaram as dificuldades, a falta de estrutura, de giz e quadro negro, para inventar o sonho do antropólogo. "Dávamos aulas no canteiro de obras, embaixo das árvores. O maestro Cláudio Santoro regia concertos no domingo", recordou, rodeado pelos olhos atentos dos pacientes vizinhos do hospital.

Vaidoso, o senador esbanjou nas histórias. Falou de namoros, prazeres e política, sempre rindo muito e avisando que iria vencer o câncer.

"Naquela época da UnB tinha muito mais gente com coragem do que existe hoje", disse no final da entrevista.

No mesmo dia em que a matéria foi publicada, o senador — professor — mandou orquídeas para o jornal.

Carlos Eduardo



Darcy Ribeiro e o atual reitor da Unb, João Cláudio Todorov: "Nunca mais nenhuma universidade foi igual àquela"